

ENTENDA O PROBLEMA NO PARQUE SÃO CRISTÓVÃO

● **Inundação** Islan Brito, morador do Parque São Cristóvão, diz que existe tentativa de diálogo com a Embasa sobre as enchentes no bairro. A empresa é a responsável pela barragem Ipitanga I. Os moradores tentam ainda dialogar com a Secretaria de Infraestrutura Hídrica e Saneamento Responsável (SIHS), responsável pelo Rio Ipitanga, mas não há retorno. “Não aparecem para ouvir os anseios dos moradores e nem recebem a Associação dos Moradores do Cassange e o Conselho Comunitário de São Cristóvão na secretaria para um diálogo e solução do problema”, reclama.

Segundo a Embasa, a Barragem de Ipitanga I está em operação desde a década de 1940 e é utilizada para o abastecimento de Salvador. A empresa explica que a vazão acontece porque “quando a barragem atinge o nível máximo, conforme as normas de segurança de barragens, é necessário escoar o volume de água acumulado para o rio Ipitanga, abrindo aos poucos as comportas”, diz a nota.

Quanto aos problemas dos alagamentos, a empresa diz que é um reflexo, principalmente, do grande volume de chuva que caiu na bacia do rio Ipitanga, onde aponta que a manancial possui moradias ocupando irregularmente trechos em suas margens.

● **Macro drenagem** Para os moradores do Parque São Cristóvão, a esperança de solução para as inundações consiste na obra da macro drenagem do Rio Ipitanga, o que não se mostrou eficiente. De acordo com a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Conder), já existe uma macro drenagem do Ipitanga executada pela companhia, via Consórcio Ipitanga, em Salvador e Lauro de Freitas, com investimento de R\$ 211 milhões. A obra é baseada em conceitos de drenagem sustentável: os alagamentos são evitados a partir da retenção da água da chuva em seis reservatórios de amortecimento integrados à calha do Rio Ipitanga, com o escoamento da água ocorrendo de forma controlada.

● **Amortecimento** Para o engenheiro civil Luis Edmundo Campos, professor aposentado da Ufba e ex-presidente do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Bahia (CREA-Ba), uma vez que foram instalados reservatórios de amortecimento, a permanência dos alagamentos pela vazão da barragem se dá porque o canal de vazão pode não comportar o volume de água escoado, problema que pode ser resolvido com alternativas. “Existe forma de ampliar o canal, limpando ou criando outros canais”, afirma.

*Larissa Almeida, com a orientação da subeditora Monique Lôbo.



Bairro inteiro embaixo d'água

Alagamento

Moradores do Parque São Cristóvão ficam ilhados por mais de 24 horas

Wendel de Novais

REPORTAGEM
wendel.novais@redabahia.com.br

Nas ruas Deputado Luís Fraga e Norte II, no Parque São Cristóvão, o que se vê é água para todo lado. No bairro, que fica às margens do Rio Ipitanga I, a água subiu desde o sábado (6), quando a chuva começou a castigar Salvador. Com o temporal da segunda-feira (8), a situação piorou. Na terça-feira (9), a região somou 24 horas de alagamentos por conta do temporal e da abertura das comportas da barragem Ipitanga I, localizada em Boca da Mata.

A estrutura alimenta o Rio Ipitanga, que corta o Parque São Cristóvão e Cassange, desaguando na foz do Rio Joanes, em Lauro de Freitas, na Região Metropolitana de Salvador (RMS). Segundo moradores do local, as comportas precisaram ser abertas para que a pressão da água não arrebentasse a barragem. Quem vive no bairro pede macro drenagem urgente.

Fernando da Silva, 43, mora na Rua Norte II, mais conhecida como Bate Coração. Ele conta que, apesar das casas terem batentes altos na porta, a água transbordou e invadiu as residências. Segundo o morador, por conta da situação, desde sábado ele,

que é motorista por aplicativo, está sem trabalhar, já que não tem como sair da garagem com o carro sem risco de perder o veículo.

“A água subiu e a gente ficou alerta desde o sábado. Quando olhei na rua e vi que já estava acima do joelho, percebi que não dava para sair. Tirar o carro é correr risco de perder, com tanta água entrando. Então, a gente fica prejudicado de duas maneiras, tanto com a água que já entra em casa, como no trabalho”.

Maria de Souza, 75, sofreu até para conseguir comprar o pão do café da manhã na Rua Deputado Luís Fraga. Na ida e na volta, precisou pôr os pés na água para atravessar. A reportagem, ela contou que se arrependeu de arriscar a ida à padaria. “Era para ter ficado em casa ou só saído de carro. Com tudo alagado, eu quis sair ainda assim para comprar pão para poder tomar café. Porém, não vale a pena ficar assim com água nas pernas, correndo risco de pegar doença”, constatou a moradora.

Além de prejudicar quem vive no bairro, a chuva afeta também os comerciantes do local. A maioria dos estabelecimentos permanecem fechados nas ruas inundadas. Os comerciantes que abriram os estabelecimentos ontem precisaram limpar os locais por conta da sujeira carregada pela água. O trânsito de veículos também é complicado e apenas alguns se arriscam a passar pelas ruas viradas em mar.

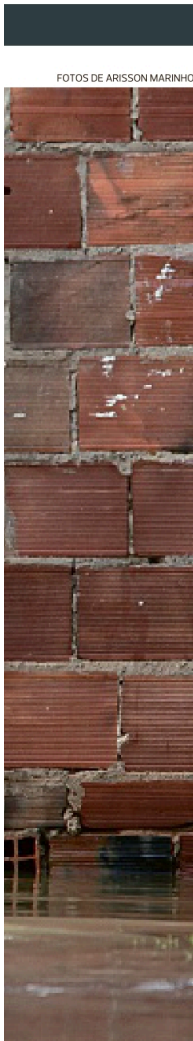
TETO DE ESCOLA

A chuva causou ainda o desabamento do teto da Escola Estadual José Augusto Tourinho, situada no bairro. De acordo com moradores, o colégio está sem aulas desde a segunda-feira (8), quando os estudantes foram avisados da suspensão das atividades. A previsão de retorno, segundo os próprios alunos, é para a próxima semana por conta dos estragos da chuva e da inundação no Parque São Cristóvão.

A Secretaria Estadual da Educação (SEC) foi procurada para confirmar a data de retorno às aulas, mas não respondeu até o fechamento desta edição, às 23h de ontem. A nota emitida pelo órgão fala apenas em uma vitória:

1 Rotina dos moradores tem sido com a água até a altura das canelas 2 Nem o campinho da comunidade escapou de virar 'piscina olímpica' 3 Veículos maiores conseguem transitar mesmo com as ruas inundadas

Alagamento no bairro Parque São Cristóvão começou desde sábado, com chuva mais forte



FOTOS DE ARISSON MARINHO



2



3

“Sobre o Colégio Estadual José Tourinho Dantas, em São Cristóvão, a Secretaria da Educação do Estado informa que a equipe de engenharia irá vistoriar a unidade escolar atingida pelas fortes chuvas registradas na cidade. As aulas seguem suspensas, mas um calendário de reposição deverá ser feito para garantir o cumprimento dos 200 dias letivos”, diz a nota.

Um aluno da unidade explicou que primeiro caiu o forro do teto da cantina, na segunda-feira (8); “E agora pela manhã [ontem], quando eu vim, caiu também o teto da parte da frente da escola. Na segunda, falaram que não teria aula a semana toda, e que só semana que vem, provavelmente, voltaria a ter”, contou Levi Guimarães, 15.

“Isso já aconteceu várias vezes no Parque [São Cristóvão], todo ano é desse jeito. O telhado do colégio caiu ontem e agora estamos sem aula. A escola está cheia de mofo. Isso é muito ruim para nós que queremos estudar e ficamos sem aula muito tempo por isso”, reclamou outra estudante que preferiu não se identificar na reportagem.

PREJUÍZO AOS MORADORES

Quem vive no Parque São Cristóvão contabiliza perdas de até R\$ 5 mil com os danos causados pela chuva e a inundação do bairro após a abertura das comportas para a vazão da barragem Ipitanga I.

“Outra vez, perco coisas. Já tive TV perdida há dois anos. É muito difícil ficar perdendo as coisas para a chuva”
Anônima
Moradora do Parque São Cristóvão

“A escola está cheia de mofo. Isso é muito ruim para nós que queremos estudar e ficamos sem aula muito tempo por isso”
Anônima
Estudante da Escola Estadual José Augusto Tourinho, situada no Parque São Cristóvão

“A geladeira queima, a máquina de lavar para de funcionar, os móveis são estragados pela água, ficando sem condição de utilizar. E o prejuízo pode ficar maior, já que eu estou com o carro na garagem e não tenho como tirar porque a rua está toda alagada. Se continuar subindo [a água], como está desde sábado, a tendência é piorar, porque pode também afetar meu veículo. E todo ano é assim, já passei pelo problema antes”, reclama o morador Fernando da Silva, o motorista por aplicativo ouvido no começo desta reportagem.

Uma outra moradora do Parque São Cristóvão, que prefere não se identificar, diz que perdeu o sofá e o rack de casa, totalizando um prejuízo de R\$ 2 mil. Ela destaca que os prejuízos são recorrentes. Por isso, junto com familiares, até conseguiu se antecipar à chegada da água em relação a outros eletrodomésticos, mas não teve tempo para mover os itens mais pesados para que não fossem molhados.

“Estava com mais uma pessoa em casa e deu para salvar ventilador, cadeira e outros itens que são mais leves, que a gente conseguiu colocar em cima das coisas. Mas não dava para pegar o sofá, por exemplo, que serviu de abrigo para essas coisas e está com o material todo prejudicado pela água. O rack, que é baixo e de madeira, está na mesma situação. Juntos, os

dois somam R\$ 2 mil. Outra vez, perco coisas. Já tive TV perdida há dois anos. É muito difícil ficar perdendo as coisas para a chuva”, lamenta.

O Rio Ipitanga I passa pelo Parque São Cristóvão e por Cassange, desaguando no Rio Joanes, na Região Metropolitana de Salvador (RMS).

A barragem Ipitanga I fica em Boca da Mata. A abertura das comportas da barragem, um procedimento de segurança para que a estrutura não estoure pela pressão exercida pelo alto volume de água, é apontada pelos moradores como principal causa dos problemas de alagamento no bairro quando a temporada da chuva intensa começa.

Procurada, a Embasa – Empresa Baiana de Águas e Saneamento – informou que o problema “reflete principalmente o grande volume de chuva que caiu na bacia do rio Ipitanga, manancial que possui moradias ocupando irregularmente trechos em suas margens”, diz o texto enviado à redação.

A empresa destacou ainda que a abertura das comportas da barragem Ipitanga I foi iniciada desde a semana passada de forma gradual; além de explicar que ainda não é possível determinar o tempo necessário para que as condições meteorológicas permitam o fechamento gradual das comportas da barragem, que seguem abertas para dar vazão ao excesso de água.

Quem paga a conta dos prejuízos causados por chuvas intensas?

A chuva intensa em Salvador nos últimos dois dias causa estragos desde desabamentos de imóveis até carros soterrados em deslizamentos e eletrodomésticos afogados na enchente. A pergunta que fica é: pessoas que perdem algum bem material podem recorrer e cobrar algum órgão pela perda?

A resposta é sim, diz o advogado Danilo Santana, especialista em Direito do Consumidor. Segundo ele há como recorrer em duas situações: quando o objeto tem seguro ou quando há omissão do Poder Público.

O regulamento dos seguros, editado pela Superintendência de Seguros Privados (Susep), estabelece que danos causados por enchentes devem fazer parte do rol de danos garantidos pelos seguros, ou seja, as seguradoras são obrigadas a custear todos os prejuízos, por exemplo, dos carros submersos em avenidas alagadas.

No entanto, em alguns casos, como queda de árvores, a cobertura depende da previsão da apólice. “Essa previsão deve ser clara e informada ao consumidor no momento da contratação, sob pena da previsão não ter validade e a seguradora ser obrigada ao pagamento. Ocorrendo um sinistro com um bem segurado, o ideal é acionar a seguradora para custeio dos prejuízos”, explica.

Nos casos de omissão do Poder Público, há responsabilidades pelos danos causados aos cidadãos em casos de enchentes, como explica o especialista. “Isso é o que tem entendido os tribunais quando tratam da matéria”, diz Santana.

A omissão do Poder Público se dá pela ausência de limpeza de rios e córregos, falta de saneamento básico, entre outros serviços que poderiam evitar alagamentos.

MILLENA MARQUES ORIENTADA POR MONIQUE LÓBO

Famílias estão ilhadas há três dias no bairro do Rio Vermelho

Há 72 horas, Marilene Carneiro, 58, não coloca os pés fora de casa. Moradora do Rio Vermelho, ela e outras dez famílias estão ilhadas em um beco estreito próximo à Rua do Canal, na avenida Juracy Magalhães Júnior. A chuva dos últimos dias provocou o acúmulo de água barrenta na entrada das casas da Avenida Reis. Um imóvel foi invadido pela enxurrada na madrugada. Quem arrisca ir para a rua, enfrenta o alagamento que ultrapassa o nível dos joelhos.

A preocupação de Marilene é maior porque o marido, que sofreu um acidente vascular cerebral (AVC) há 6 anos, tem dificuldades de locomoção. Ela teme que ele precise de atendimento médico. E o sofrimento fica maior quando ela se depara com os armários da cozinha cada vez mais vazios. “O alimento está acabando e a gente está sem saber como sair para comprar”, acrescenta.

Segundo os moradores da Av. Reis, a situação piorou depois que um prédio foi demolido no entrocamento da R. Potiguares e a Av. Juracy Magalhães Júnior. Os moradores acreditam que a obra da construtora Moura Dubeux obstruiu a passagem da água.

Em nota, a construtora afirmou que “antes de iniciar obras, seguimos todas as normas que são essenciais para garantir a segurança dos trabalhadores e do público envolvido, além de minimizar os impactos ambientais, assegurando a correta execução das atividades”, diz trecho da nota da empresa.

No final da tarde de ontem, segundo os moradores, a construtora enviou uma equipe com retroescavadeira ao local e pouco depois a água começou a escoar. Por volta das 20h, uma moradora informou que a água havia sido completamente escoada.

MAYSA POLCINI